

Na Argentina, o leite também é pintado de verde

A Mastellone se transformou na primeira indústria de laticínios da Argentina a medir sua pegada de carbono.

A medição dos gases de efeito estufa (GEE) é, há vários anos, uma das principais tarefas abarcadas pela pecuária em matéria de sustentabilidade. Já é conhecido o caso de várias plantas frigoríficas que obtiveram suas certificações, e agora se incorpora ao circuito verde, a pecuária de leite.

Foi isso o que confirmou a Mastellone Hnos, a empresa dona da marca La Serenísima e líder nacional na produção e comercialização de lácteos, que acaba de obter uma certificação sobre a pegada de carbono, ao nível organizacional. É a primeira empresa deste setor que obtém a certificação na Argentina.

Em certo sentido, a certificação é um ponto de partida e de chegada ao mesmo tempo. De chegada, porque para obter esse reconhecimento houve avaliação das emissões da organização em cada um dos elos da cadeia e a contribuição ao aquecimento global. Para esse longo trabalho, a Mastellone trabalhou junto com a certificadora IRAM, que é o único representante argentino na Organização Internacional de Normatização (ISO).

Mas, por outro lado, a certificação IRAM-ISO 14064-1 não deixa de ser um ponto de partida em vários sentidos. Com o inventário dos GEE conhecido, a empresa pode avaliar novas estratégias para continuar reduzindo sua pegada, o que se traduz em vantagens competitivas e financeiras, poupança energética e, conseqüentemente, a possibilidade futura de ingressar nos mercados de bônus de carbono.

E é “continuar reduzindo”, porque tal como explicou Juan Alonso, chefe de gestão e controle ambiental da companhia, “este é um processo que foi iniciado há muito tempo”. Isso porque, embora a certificação tenha sido concedida agora, o processo para chegar a ela foi iniciado em 2018, quando incorporaram a pegada de carbono como pilar dentro de sua estratégia de sustentabilidade.

A Mastellone conseguiu reduzir em 22% sua pegada de carbono graças à reorientação de mais de 60% de sua demanda de energia para fontes renováveis.

Foi em 2023, quando, depois de algumas medições parciais, decidiram avançar com a certificação, através de um comitê de Mudanças Climáticas criado pela companhia.

Como foi a primeira empresa de laticínios em avançar nesse projeto, muito do trabalho feito, que levou um ano, consistiu em começar do zero, demandando maior esforço em coletar informações do setor primário, as fazendas leiteiras.

O levantamento foi realizado em 72 unidades, que representavam 16% do leite captado, das 557 que abastecem a companhia. Em cada uma delas foram colhidas informações sobre os animais, a alimentação, sistemas de produção e até o uso de fertilizantes.

“Na bibliografia do país não existem estudos realizados com uma amostragem tão grande”, explicou no anúncio feito por Ignacio Masó, gerente de coordenação de sistemas de gestão e segurança da empresa.

Na realidade, justamente por não contar com uma bibliografia é que também demandou tanto esforço e trabalho conjunto com os produtores. “É muito intenso e são necessárias muitas informações e este foi o principal desafio”, explicou Alonso.

Mas, além das fazendas, que representam 75% das emissões de GEE da cadeia, a certificação também contempla os demais elos, como o transporte, o processamento e a distribuição. Ou seja, calcularam os GEE desde a alimentação da vaca até a gôndola.

A certificação não é obrigatória, nem atende às exigências do mercado ou regulamentações internacionais. Então porque fazê-la?

“O objetivo final não é somente medir, é fazer com que as informações influenciem na tomada de decisões”, explicou Alonso, assegurando que no futuro, ter claro quanto se emite de

GEE, permitirá elaborar planos concretos e definir objetivos de curto e médio prazo. Em suma, é fazer com que a pegada de carbono seja um elemento a mais entre as ferramentas de gestão, para que tudo o que for decidido a leve em conta.

Sem ir mais longe, a certificação já mostra avanços entre 2019, ano base, e 2024. Nesse período, explicaram os diretores da companhia, as emissões foram reduzidas em 8,9%, o equivalente ao consumo anual de combustível de 110.000 carros.

“Estamos muito melhor posicionados do que outras indústrias ao nível internacional”, assegurou o chefe de gestão e controle ambiental, muito em decorrência do que foi feito nesses 5 anos para reduzir as emissões, e que aponta o caminho a ser tomado no futuro.

Entre 2019 e 2023, por exemplo, a Mastellone substituiu o uso de óleo combustível por gás natural em várias de suas fábricas, com a construção de gasodutos próprios; estabeleceu mudanças nas embalagens, tornando-as mais recicláveis e reduzindo o peso; diminuimos os quilômetros percorridos por seus caminhões, com ajustes na logística; e intensificamos o trabalho no tratamento dos efluentes.

A última dessas medidas foi anunciada no princípio do ano, quando, mediante convênio com a Pampa energia, alcançamos 80% do uso de energia renovável, um salto significativo em relação aos 63% registrados no ano passado.

Junte-se a isso um outro aspecto: a valorização da marca com essas iniciativas, como modo de estabelecer confiança, credibilidade e um diferencial com os concorrentes. Em outras palavras, certificar a pegada de carbono tem aporte em termos de sustentabilidade e não se traduz no preço do produto, mas é um capital intangível da marca e, no futuro, a possibilidade de aumentar o valor econômica da própria empresa.

“Sempre buscamos padrões internacionais, por isso esta foi uma decisão organizacional”, destacou Masó durante a apresentação.

Nessa mesma linha, a Mastellone, que está perto de completar 96 anos, já havia alcançado outro objetivo. No final de 2022 foi a primeira empresa argentina a obter o selo de bem-estar animal mediante a certificação ISO 34.700, um reconhecimento que facilitou a certificação IRAM, obtida agora, já que ela também exige que os animais sejam tratados com respeito, cuidado e de acordo com as normas éticas.

[Acesse aqui a matéria na íntegra.](#)

Fonte: Bichos de Campo – Tradução livre: www.terraviva.com.br